



**José MD
Poças**

Médico especialista em Medicina Interna, Infeciologia e Medicina do Viajante, escritor e melômano

Diagnosticar, tratar, curar, cuidar, acompanhar ou partilhar a alegria, a angústia e o sofrimento dos outros é compreender a essência do Homem e da Humanidade

Reflexões em redor da relação médico-doente

Num tempo de endeusamento da tecnologia, como se de uma nova religião se tratasse, capaz de responder a todos os males da Humanidade, há que, forçosamente, reconhecer o seu enorme contributo para o bem-estar dos doentes, o que se tem materializado num aumento consistente da sobrevida média, tal como no facto de ser capaz de providenciar uma resposta mais rápida e efetiva aos novos problemas que emergem de rompanete, como aconteceu recentemente com a pandemia.

Na minha perspetiva, o que há a fazer é não abandonar, nunca, o “outro lado” da arte de bem tratar os seres humanos, ou seja, a capacidade de contextualizar a tecnologia como um elemento a ser utilizado com adequação, inserido numa estratégia de uma relação médico-doente imbuída dos intemporais valores da ética, da empatia e da humanização.

Para salvaguardarmos esta postura da prática médica, seria necessário passar a investir muito mais na formação dos novos alunos e dos novos internos nas disciplinas ditas do foro das Humanidades, não deixando de transmitir a noção de que existem dois significados igualmente válidos para a agora tão usada expressão de “medicina personalizada”: a versão tradicional, que jamais deverá ser abandonada, em que o seu exercício deverá supor o respeito pela ética e pelo conjunto de características de cada indivíduo, na persecução do princípio segundo o qual “uma doença idêntica numa pessoa diferente é uma doença distinta”; e a mais recente, mas igualmente válida e promissora, em que o que se valoriza, acima de tudo, é a singularidade do património genético de cada ser, e assim se possa compreender melhor porque um determinado fenómeno fisiológico, em doentes diferentes, produz efeitos distintos, ou porque, para a mesma doença, pessoas diferentes reagem de modo desigual ao mesmo tratamento.

Por todas estas razões, devo dizer que

a minha opinião relativamente ao eterno e nunca conclusivo debate que existe acerca da natureza da medicina, no qual se discute se é arte ou se é ciência, é a de que, possivelmente, poderá (e deverá) ser ambas as coisas em simultâneo! Ou seja, é uma “arte” que aspira a utilizar a metodologia científica e, na realidade, se serve das ditas ciências básicas para construir o seu edifício identitário de princípios e de valores, sem ser propriamente ciência pura, nem sequer pretendendo ou devendo restringir-se apenas a tal condição. Assim, é arte, no modo de relacionamento entre o médico e os seus doentes. Continua a ser arte, na apreciação e contextualização das subjetividades da anamnese e das emoções na decisão clínica. É, ainda, arte, na conceção intelectual e estética da arquitetura do diagnóstico diferencial. É ciência, em tudo o resto.

Impõe-se, assim, que assumamos, sem subterfúgios, que diagnosticar, tratar, curar, cuidar, acompanhar ou partilhar solidariamente a alegria, a angústia e o sofrimento dos outros é compreender a essência do Homem e da Humanidade, ditames a que jamais alguém deverá ficar indiferente, em especial, o médico.

Concluiria, dizendo que a citação de índole hipocrática, tantas vezes repetida, na qual se clama que “curar umas vezes, aliviar outras, mas confortar sempre”, é a que melhor define a missão do médico, além de ser, também, um imperativo intemporal de consciência profissional, comporta ainda algo de tão transcendente importância que só é passível de se poder concretizar, passo a passo, num percurso de solidária parceria sem reservas, em que as idiossincrasias, quer do médico quer do doente, se potenciem a favor de uma comunhão espiritual, imbuída de solidariedade, de comiseração, de confiança e de empatia, que permita, nas circunstâncias em que tal se aplicar, a aceitação, com o mínimo sofrimento possível, da deficiência, quando não, da própria morte, sem nunca retirar a derradeira centelha de esperança. +